



**Universidade da Amazônia**

# O Romance do Prata

**de Paulo Setúbal**



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

## O Romance do Prata

de Paulo Setúbal

Página gigantesca, e básica para o estudo da História do Brasil, foi a penetração do sertão virgem. Ela significa (será preciso ainda repeti-lo?) a conquista e a posse do território nacional. E essa página, que é assim a grande página inicial do livro da Pàtria, como a realizaram os nossos maiores? E por que a realizaram.

Imaginal os mareantes desembarcando das suas bojudas naus na terra nova. O mar, a praia, aquela praia praiana, mui chan e mui fermosa, de que fala Pero Vaz Caminha — e là, ao longe tapando o horizonte, uma serrania corcovada, negrejante, entrançada de matarias lôbregas. Que coisas haveria dentro daqueles silvedos? Que gentes? Que bichos? Ninguém sabia... Eram tudo falas apavorantes, tudo mistérios que arrepiavam.

Os primitivos povoadores, no entanto, desafiando essas falas e afrontando esses mistérios, arremessaram-se desabusados, peito a peito, contra aquelas brenhas aterradoras. E qual teria sido, nesses escuros tempos, o móvel que os compeliu a levar a cabo obra tão corajenta? Teria sido, por acaso, a simples curiosidade humana? Não. Busca de terras férteis? Não. Busca de paus preciosos? De pássaros? De animais raros? Não.

O que, nesse remoto alvorejar do Brasil, arrastou os povoadores a se engolfarem por esses mataréis adentro — curiosíssimo o constatà-lo — foram tão-somente duas miragens, duas ridentes miragens enganosas, que là, do fundo dos matos, lhes acenavam tentadoramente com o fascínio de riquezas fúlgidas. Sim, duas miragens. Duas quimeras encantadas que os mareantes ouviram, ao desembarcar, da boca ingênua dos selvagens. E foram elas: a Serra Branca e a Serra Verde. Isto é: a "Serra da Prata" e a "Serra das Esmeraldas".

A Serra da Prata, que os bugres chamavam de Sabarabuçu, montanha-grande-que-resplende, era uma serra alterosa, toda branca, que resplendia ao sol como grande torre de neve. E a Serra das Esmeraldas, fuzilante de pedraria verde, era também (contavam-no saborosamente os sertanistas) uma serra estranha, muito esplendorosa, onde tudo tinha a cor verde — as pedras verdes, as árvores verdes, as águas verdes, até os peixes dessas águas eram verdes. Tais engodos, assim graciosos e líricos, encheram com o seu encantamento o ar crédulo do tempo. Tornaram-se as duas maiores e as mais fascinadoras lendas que já teve o Brasil. E lendas de conseqüência absolutamente capitais. Pois foram a busca da Serra da Prata e a busca da Serra das Esmeraldas os dois primeiros fatores, primeiros e decisivos, para a conquista e a posse da terra bàrbara. A esses dois fatores, completando-os, veio mais tarde ajuntar-se um outro: a busca do ouro.

Contar a história de cada um desses fatores, tal como os encontrei nos velhos alfarrábios — eis o plano da obra a que, dentro das minhas pobríssimas forças, eu me propus a realizar. Desse plano resultaram três volumes: "O Romance da Prata", "O Sonho das Esmeraldas", "El-Dorado". O "El-Dorado", apesar de ser o fecho do tríptico, surgiu à luz em primeiro lugar. Hoje aparecem "O Romance da Prata" e o "Sonho das Esmeraldas". Que os últimos, no julgar da crítica, sejam os primeiros (como lá diz o evangelho) é bem o voto com que lanço à publicidade estes dois despreziosos livros...

Este volume, em vez de "O Romance da Prata", talvez se chamasse com mais acerto — "Os Romances da Prata". Pois são dois, com efeito, os romances que

a prata urdiu no Brasil: um, ao norte, sob o nome de — "As minas de Prata"; outro, ao sul, sob o sonoro nome selvagem de — "Sabarabuçu". E é ainda de notar-se que nesta obra, onde há dois romances, não entrou um só grânulo de fantasia. Nem uma só página inventada. Tudo o que ai está foi rigorosamente buscado (e com quanto enfado e canseira!) na poída e embolorada papelama do tempo. Mas a verdade histórica, nua e crua, tece às vezes enredos singulares. Diante dos enredos que teceu a prata do Brasil, este livro, feito de verdade histórica, verdade nua e crua, foi batizado com o título paradoxal de romance. O leitor, ao findar a leitura, bem pesados os fatos, irá dizer se o título está desarrazoado.

*S. Paulo -1934.*

*Paulo Setúbal.*

Fontes:

Gandavo: "História da Província de Sancta Cruz", "Tratado da Terra do Brasil"; Gabriel Soares: "Tratado Descritivo do Brasil"; Frei Vicente do Salvador: "História do Brasil"; Barbosa Leal: "Carta ao Conde de Sabugosa, vice-Rei do Estado do Brasil"; "Cartas de Melchior Dias Moreira"; Taques: "Informações sobre as minas de S. Paulo"; "História da Capitania de S. Vicente"; Accioli de Cerqueira: "Memórias Históricas"; F. Vicente Viana: "Memórias sobre o Estado da Bahia"; Felisberto Freire: "História de Sergipe"; Capistrano: "Robério Dias e as minas de prata, segundo novos documentos"; F. Borges de Barros: "Bandeiras e Sertanistas Baianos"; Rocha Pita: "História da América Portuguesa"; Jaboatam: "Novo Orbe Seráfico Brasilico"; Walter Raleigh: "The discoverie of the large, rich, and beautifull empire of Guyana"; Teodoro Sampaio: "O sertão antes da conquista"; Orville Derby: "Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas"; "Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes", "Os primeiros descobrimentos de ouro nos districtos de Sabará e de Caheté"; Meio Moraes: "Chorographia Histórica"; Afonso Taunay: "Historia Geral das Bandeiras"; Basílio de Magalhães: "Expansão Geographica do Brasil até fins do século XVII"; Ellis Júnior: "O bandeirismo paulista e o Recuo do Meridiano"; Calógeras: "As minas do Brasil e sua Legislação"; Afonso Furtado de Mendonça: "Correspondência"; vol. IX e X, Docs. Hist.; Moisés Marcondes: "Documentos para a Historia do Paraná"; Vieira dos Santos: "Historia da Fundação de Paranaguá"; Negrão: "As minas de ouro da Capitania de Paranaguá"; Diogo de Vasconcelos: "Historia Antiga de Minas Geraes"; Documentos do Conselho Ultramarino (An. Bibl. Nac., vol. 39) Histórias Gerais, Documentos Interessantes; Atas da Câmara de S. Paulo, Inventários, etc.

PRIMEIRA PARTE

As Minas da Prata

A SERRA BRANCA

Antônio Dias Adorno está no engenho do Jequiriçá. O sertanista, quebrantado e maleitoso, viera pedir hospitalidade a João Coelho de Sousa. João Coelho de Sousa, figura rústica de barão feudal, é um povoador de largas posses, senhor de imensas terrarias e aguadas, que vive ali, abruptadamente, à beira do Rio Real, no seu poderoso e solarengo engenho do Jequiriçá. O asselvajado rico-homem acolhera o chegadiço com grandeza. Adorno, sertanejo de fama, andara por

longínquas e confusas terras em busca de ouro, e de esmeraldas, e de prata. E agora, no solitário casarão entaipado, enquanto trata da terçã, o viajante relata ao hospedeiro aquelas fúlgidas coisas, tão maravilhosas, que vira e ouvira por essas terríficas selvas onde se entranhara. O senhor do Jequiriçá, cerdoso e selvático, ali, ao lado do catre, queda-se a escutar o mateiro com esparvoado deslumbramento.

Adorno vai-lhe então contando de — "hum rio muito largo, onde dizem que está uma serra que resplandece muito e que he muito amare-la; nesse rio vão ter pedaços de ouro que dessa serra cae..." Vai-lhe contando ainda, com a febre a alumiar-lhe fogaréis nos olhos, de — "huma serra que havia muitas léguas pela serra a dentro; a qual serra era muy fermosa e resplandecente. Os índios traziam dessa serra humas pedras verdes, as quaes eram esmeraldas..."

Ouro! Esmeraldas!

Quanta riqueza por esses negros bosques adentro!... Para o senhor do Jequiriçá, contudo, mais do que o ouro, bem mais do que as esmeraldas, esbraseava-lhe rudemente a ambição aquela acutilante notícia de que lá, ao longe, muito longe, encravada na escuridão daqueles matos, havia uma serra branca, muito resplandecente, que parecia à distância uma torre de prata a fuzilar ao sol. Ah, era a Serra da Prata... Era de certo aquela mesma serra, tão provocadora, de que falara com ardência Walter Raleigh na sua célebre viagem ao El-Dorado: "nós nos contentamos de vê-la à distância; e nos pareceu uma torre branca, muito alterosa. Não creio que haja no mundo coisa semelhante. Barrêo contou-me maravilhas dessa montanha, onde há muita prata que resplende de longe ao sol". E essa ofuscadora serra branca, que se tornou durante duzentos anos o sonho obsidente de todos os violadores do sertão — "se compõe (diziam os sertanistas brasileiros), se compõe de huma terra tão branca e tão fina como a cal; e, segundo os signaes da terra onde se acha a prata, por este signal mostra que esta Serra o tem".

O senhor do Jequiriçá acompanha de ouvido atentíssimo os contos do viajero. Aquelas maravilhas fascinavam-no. E corusca no hóspede dois grandes olhos acesos:

— A serra branca? Pois vosmecê, Antônio Adorno, escutou aí, nas suas Jornadas, alguma fala de peso sobre a serra branca?

— Mas o sertão inteiro está cheio dessas falas, senhor João Coelho! Não a nação de bugre, por essa gentildade afora, que não fale da serra branca. E a serra branca, vosmecê bem o sabe, é a serra da prata...

## A PRATA

Prata! Eis a palavra encantada do século XVI. O cáldo sonho tentador que, na ingênua terra do pau-de-tinta, tresvairou a imaginativa cúpida de todos os sertanejos da época. Foi ela o acicate de fogo que esporeou os colonizadores a atacar de frente, peito a peito, aquelas soturnas e misteriosas brenhas do Brasil selvagem que acordava. E com razão! A prata, nesses primitivos tempos, era mais buscada do que o próprio ouro. "... havia (diz Calógeras), havia uma sorte de coefficiente psychologico geral — a existência de prata e de ouro. Mas a prata sobrepujando o ouro. Era a prata que se queria encontrar nas possessões portuguezas". Ao que acrescenta o sr. Teodoro Sampaio: "... de ouro quasi que se não falava; era a prata nesses tempos o metal de estimação mais commum. As

chronicas e escriptos da época, assim como os contos imaginosos do povo, davam à prata maior valia".

Foi dentro dessa curiosa concepção, e em meio àquela desenfreada ânsia, então em voga, de se buscar pelo mundo inteiro a riqueza branca, que os mineradores do século, tanto os penetradores de betas como os temperadores de metal, proclamavam a um só tom, com obstinada firmeza, existir no Brasil portentosos e ricos veeiros de prata. E proclamavam-no com raciocínios de peso.

O Peru, sabia-o toda gente, era a terra da prata. Das minas do Potosi, tão largamente faladas, partiam para Castela, a cada nau, carregamentos opulentíssimos do tesouro branco. Pode-se afirmar, sem exagero, ter a Espanha colhido no Peru a riqueza mais espantosa que um país, até então, já tivera a boa dita de colher em minas. Ora, a terra do Brasil era a continuação da terra do Peru. Formavam ambas um bloco só. "... esta terra e o Perum, Senhor, he toda huma" — mandava dizer ao Rei, numa frase famosa, o velho Tomé de Sousa. Pois sendo esta terra e o Perum toda huma, na expressão viva, e tão chistosa, do governador, como se admitir haver imensidão de prata no Peru e, ao mesmo tempo, não haver prata alguma no Brasil? Seria isso o absurdo dos absurdos! Mas tal não acontecia. Pois, consoante as interessantíssimas idéias do tempo, o oriente era tido como mais rico do que o ocidente. Ora, ficando o Brasil no oriente da América e o Peru no ocidente — "não podia, evidentemente, faltar aqui o que abundava por lá". Assim sendo, e com saborosa lógica, concluía um velho documento, citado por Capistrano: "esta região, por boa razão de philosophia, deve ter mais e melhores minas de prata do que o Perú, por ficar mais oriental que elle e mais disposta à criação dos metaes". Não havia, pois, dúvida: o Brasil não era apenas a terra selvosa do pau-de-tinta; o Brasil, acima de tudo, por boa razão de philosophia, era a terra bem-fadada da prata!

Tanta verdade havia nisso que, na própria viagem de descoberta, os primeiros bugres que Cabral mandara buscar à praia, ao entrarem na nau, botaram logo reparo no castiçal de prata que havia sobre um bofete. Botam reparo, e, o que é o mais, puseram-se a acenar para o sertão, com grandes gestos, como a significar que havia prata no país. "... um delles poz olho em hum castiçal de prata, e assy acenava para a terra, e depois para o castiçal, como a dizer que avia na terra também prata".

E quantas outras notícias sobre essa apetecida prata, quantas, corriam então a cândida terra dos papagaios! E que fabulosas! Os companheiros de Gonçalo Coelho, por entre narrativas embasbacantes, contavam, ao voltar, que — "na embocadura dum rio que fica a duzentas léguas aquém do Cabo, tiveram informes de que pelo sertão havia muita prata. Diziam que um Capitam de outro navio trouxera ao Rei de Portugal um machado de prata"<sup>1</sup>. E que rio era esse que ficava a duzentas léguas aquém do Cabo? Era o Rio da Prata. Rio imenso, de águas claras, assim chamado exatamente porque os indígenas, que lhe povoavam as margens, traziam enfeites de prata e usavam objetos de prata. Oh, as minas desse confuso Rio da Prata, tão longínquo e extraordinário! "Pela terra a dentro, não muito longe do Rio da Prata, narra-o Gandavo — descobriram os Castelhanos huma mina de metal; e de cada quintal delle dizem que se tirou quinhentos e setenta cruzados de prata..." Contava-se até que um mareante, depois de abicar ai por muita, praia — "levara consigo hum morador deste paiz, o qual quiz com muito empenho ver o Rei de Portugal e dizer-lhe que se lhe offerecia a trazer tanta prata que mal a poderão carregar"<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> "Zeitung aus Presilig Landt".

<sup>2</sup> Varnhagen.

Tanta prata que mal a poderão carregar... Tais eram as falas que corriam o país ainda impenetrado e misterioso. Tais as falas que, boiando no ar dessas nevoentas eras, abrasavam o ânimo cândido daqueles homens rudes, vestidos de couro, que se arremetiam desabusados a desvirginar os mataréis da terra nova.

## O SENHOR DO JEQUIRIÇÁ

Antônio Dias Adorno, no seu catre de maleitoso, vai desenrolando ao senhor do Jequiriçá maravilhas e grandezas. João Coelho de Sousa, com a ambição acendida, ouve-o durante dias e dias. E cada dia mais deslumbrado...

A terça, contudo, aquela ruim terça que o aventureiro trouxera da sua jornada, continua a raivar-lhe sem tréguas no corpo gasto. Assedia-o, agora, com assanhada virulência. Certa noite, batendo furiosamente o queixo, o mateiro clama aos gritos por João Coelho. E quando o hospedeiro, acudindo precipite, corre ao quarto de Adorno, eis que dá com o doente já cadáver no catre<sup>3</sup>.

Mas que importava aquela morte para o fragueiro senhor do Jequiriçá? Que importavam as febres? E os bichos do mato? E os bugres? Nada! João Coelho de Sousa tem agora no peito, bem assente, esta ousada idéia: atufar-se por esses silvedos adentro em busca da serra da prata.

— Cuidado, senhor João Coelho de Sousa, cuidado! O sertão do Brasil é traiçoeiro. Todos os que, até hoje, tentaram desvendar as riquezas que o mato esconde, morreram... Não escapou um só!

Foram baldadas as palavras. A serra da prata, aquela aguilhoadora serra, alva e resplandecente, com os seus cimos de prata, com as suas entranhas de prata, com as suas areias de prata, bailava fuzilando diante dos sonhos gananciosos do senhor-d'engenho. Nada o demoveu. E João Coelho de Sousa aprestou-se para a visionária jornada.

Aprestou-se e partiu.

Principia ali, com a arrancada de João Coelho de Sousa, a página inicial do romance da prata. Daquele romance grosseiro, é verdade, mas como o das esmeraldas, pedra fundamental, fator básico, para essa obra gigantesca, verdadeiramente ciclópica, que foi o desbravamento inicial da terra bruta. Avulta nessa obra, como pioneiro, a nebulosa figura, tão distante e esfumada, do hirsuto senhor do Jequiriçá. Sim, aquele asselvajado rico-homem, ao arrojarse com a sua hoste por aqueles bravios matagais impenetrados, vai abrir, arrastado pela miragem da serra branca, um dos primeiros rasgões que o machado do homem já golpeará na selvatiqueza amedrontadora do sertão. Logo a seguir, arrastados pela mesma miragem, olhos cravados na mesma prata, outros homens, mais outros, durante duzentos anos, enredar-se-ão na mesma aventura em que se enredou o senhor do Jequiriçá. Precipitar-se-ão por essas mesmas picadas que, uns após outros, os rompedores-de-mato irão lanhando, como grandes cicatrizes vermelhas, no corpo arisco e púbere daquela jovem terra que despontava. E aquela jovem terra, aquela desmarcada, misteriosa, rudíssima terra, quase um continente inteiro, onde cresciam

---

Nota: as citações deste livro, que vierem apenas entre aspas, sem citação de autor, foram tiradas ou de Barbosa Leal (carta ao visconde de Sabugosa) ou de Gandavo, ou de Gabriel Soares, ou de Frei Vicente, ou de Pedro Taques,

<sup>3</sup> Vide nota A in fine.



árvores estranhas que produziam vidro, onde se entocavam horríficos bichos desconformes, onde havia serpentes que engoliam veados, onde viviam grandes índios roxos de pés para trás, aquela terra, assim aterradora e sombria, será dentro em pouco — milagre de uma pobre lenda! — rompida de lado a lado, desvirginada, dilacerada, rasgada em todos os seus meandros, atrevidissimamente, por esses bandos de homens selvagens. E esses homens selvagens, vestidos de couro, de arcabuz ao ombro e faca à cinta, ao arrancarem a terra virginal da sua edênica bruteza, é que vão ser — mal o sabiam eles! — os verdadeiros descobridores do país novo, os grandes e autênticos fundadores do Brasil de hoje.

Três anos a fio, três anos duramente vividos, o senhor do Jequiriçá mergulhou fundo naquele trevoso pego entrançado de matarias. Três anos, com a serra branca acenando-lhe diante dos olhos, a correr altos, a transpor barrocais, a furar cerradões, a vadear rios encachoeirados... Após tão comprido jornadeio, João Coelho de Sousa tornou de novo ao seu engenho. Mas não tornou desiludido. Ah, não! João Coelho tornou riosamente esperançado. Dizem todos que trazia ele muitas amostras de prata. Mas, ao tornar...

— Cuidado, senhor João Coelho de Sousa, cuidado! Todos os que, até hoje, tentaram desvendar as riquezas que o mato esconde, morreram. Não escapou um só...

... ao tornar, antes mesmo de alcançar as terras do Jequiriçá, João Coelho, num dos pousos do caminho, adoeceu subitamente de doença grave. Adoeceu no pouso e morreu no pouso — eis tudo o que diz a crônica.

Com tal desfecho, assim inesperado, a conquista da prata teve ali o seu primeiro fracasso.

Antes de morrer, porém, do seu mísero rancho improvisado no mato, mandou João Coelho às pressas um mensageiro de confiança ao irmão, Gabriel Soares. O mensageiro levava certamente as amostras da prata. Levava certamente o roteiro da jornada. E, com as amostras e com o roteiro, um pedido instantâneo ao irmão para que não deixasse perecer os seus trabalhos: que se fosse imediatamente à Europa, e, na Europa, suplicasse ao Rei auxílios necessários para ultimar o descobrimento da prata."... as riquezas que viu — mandava dizer com firmeza — as riquezas que viu eram por si só capazes de restaurar os thesouros da coroa e fazê-la a mais rica do mundo"<sup>4</sup>.

## TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL

"... Gabriel Soares, hum homem nobre dos que ficaram casados nesta Bahia. Teve hum irmão que andou pelo sertão três annos, donde trouxe amostras de prata..."<sup>5</sup>.

Era Gabriel Soares um dos mais ferventes enamorados do país novo. Ele sabia bem, depois de dezessete anos de moradia na terra, o que ia de grandezas por essas impenetradas selvas adentro! Ah, se sabia... "Dos metaes que o mundo faz mais conta (escrevia a ele) que é a prata e ouro, esta terra tem delles tanta parte quanto se pode imaginar. De prata e ouro podem vir à Hespanha, cada anno, maiores carregamentos que nunca viram as Indias occidentaes". Por isso mesmo

---

<sup>4</sup> Diogo Vasconcelos.

<sup>5</sup> Frei Vicente do Salvador.

Gabriel Soares não hesitou: mal recebe o recado do irmão, decide-se logo a continuar a empresa utópica das minas.

— Cuidado, Gabriel Soares! Cuidado! Todos os que, até hoje, tentaram desvendar a prata que o mato esconde, morreram... Não escapou um só!

Sorriu Gabriel Soares desdenhosamente dos agouros. O povo que falasse! Ele haveria de descobrir a prata do Brasil. A prata da serra branca... Daquela serra que... "... consoante affirmaram alguns Portuguezes, que a viram, parece de longe as serras de Hespanha quando estão cobertas de neve..."

Botou-se Gabriel Soares a caminho de Madri a suplicar a proteção do Rei. Levava para Espanha (o Brasil a esse tempo estava sob dominação dos Felipes), a fim de ler a Cristóvão de Moura, estadista com grande Voto no governo, uns cadernos vermelhos, muito toscos, que escrevera de sua mão. "Lembranças, esclarecia modestamente o próprio Soares, lembranças por escripto do que me pareceu digno de notar; as quaes tirei a limpo nesta Corte enquanto a dilação dos meus requerimentos me deu para isso lugar..."

Bem haja o sonho da prata! Aqueles cadernos vermelhos que, durante dezessete anos de morada no Brasil, Gabriel Soares enchera para contar "as grandezas e estranhezas desta Província"; aqueles cadernos vermelhos que ele singelamente apelida de lembranças, e que, em Madri, lançou providencialmente em letra de forma a fim de alcançar (como de fato alcançou) os favores de que carecia para a descoberta da prata; aqueles cadernos formam hoje, por consenso unânime, um dos mais vastos, e dos mais ricos, e dos mais pitorescos, e dos mais valiosos mananciais de informes que há no Brasil sobre a gente e a terra do século XVI. Tão agudas são as observações de Gabriel Soares, tão abundantes e variadas, que produziram elas esse livro interessantíssimo, verdadeiramente precioso, o maior que se escreveu na época sobre a colônia: Tratado Descritivo do Brasil. É um monumento. Varnhagen, ao reeditar-se no Brasil o trabalho conspícuo, hoje imprescindível para o estudo da história-pátria, disse, com a sua autoridade, numa nobre página de crítica, os altos e consagrantes louvores que merece a obra ilustre<sup>6</sup>.

## CUIDADO, GABRIEL SOARES!

Gabriel Soares voltou de Madri com abundantes poderes e dilatadíssimas ajudas. E aprestou a sua entrada sem tardança. Botou nela, como mineiro, Marcos Ferreira, homem prático de metais. Como guia, um bugre amigo, Guarací, que sabia onde ficava a Serra da Prata. E com o mineiro, e com o guia, e com duzentos índios tapuios, bons flecheiros, o escritor atacou de rijo o sertão.

Largos e penosos dias, sob soalheiras urentíssimas, o sonhador da prata arremeteu-se impávido por aqueles negrejantes matos tragadores de vidas. Atingiu a serra do Quareru. Aí acampou<sup>7</sup>.

Foi então, no Quareru, em pleno ermo, dentro do coração hirsuto do Brasil bárbaro, que, pela primeira vez, a mão do homem alevantou atrevidamente uma casa de taipa.

"Gabriel Soares mandou erguer no Quarerú huma casa-forte..." Não era, portanto, apenas o desbravamento da terra virgem que realizava o intrépido

---

<sup>6</sup> vide nota B in fine.

<sup>7</sup> Hoje serra do Gariru que fica entre Curralinho e a Amargosa.



rasgador de selvas: com aquela casa-forte, plantada em tão selvático despovoado, lançava também Gabriel Soares a pedra básica, o alicerce primeiro, do povoamento do hinterland brasílico.

E enquanto os bugres erguiam aquela curiosa mole, fez o escritor sondar com acirramento todos os recantos da serrania. Vai senão quando, em uma daquelas lombas belo augúrio inicial! — Marcos Ferreira dá inopinadamente com os primeiros, alvoroçatíssimos vestígios da tão apetecida prata. Grandes bulhas! Grande e ruidosa festa entre os achadores! "... aqui fizeram os mineiros fundição de pedra de huma betta que se achou na serra; e se tirou prata..."

Mas a beta era de certo minguada e fraca. Não satisfez a cobiça de Gabriel Soares. Pois, segundo o relato da velha crônica — "o general a mandou serrar, e, deixando alli doze soldados, se foi com os mais outros cinquenta léguas, para o lado donde nasce o Rio Paraguassú".

Rude e bravia jornada! Os ares eram por aí pestíferos. As águas ruins. Nuvens de mosquitos azucrinantes ferretoavam sem tréguas os viajeros. Morcegos, às chusmas, chupavam de noite o sangue dos animais. Os animais, ao outro dia, amanheciam mortos no pouso. Não se topava caça por aqueles chãos estonados. Os mantimentos foram escasseando nos cargueiros. Num dado instante, em pleno deserto, faltaram por completo. Os homens, para não morrerem à míngua, tiveram que comer carne de cobra. Alastrou-se a maleita pela tropa. Maleita e doenças de frialdade. Não houve, daí por diante, como tolher o desencadear das misérias. Eram, todos os dias, desgraças sobre desgraças. O índio Guarací, tão precioso, que conhecia o sítio onde ficava a serra da prata, cai de repente morto à beira de um brejo.

— Cuidado, Gabriel Soares, cuidado! Todos os que, até hoje, tentaram desvendar a prata que o mato esconde, morreram... Não escapou um só!

Mas não havia empeço que quebrantasse o ânimo de Gabriel Soares. E o escritor lá continuou a sua rota, Por outras cinqüenta léguas, bem compridas e bem terríveis, o buscador da prata enfrentou de novo, com desassombro, aquelas tragédias e reveses. Estacionou afinal. E botou-se, o corajento, naquelas solidões ainda mais lôbregas, a levantar outra casa-forte. A tropa atirou-se duramente à lida. E a paragem selvática, encravada entre morros penhascosos, encheu-se improvisadamente da faina criadora desses homens chucros. Mas o povo tinha bem razão: a prata do Brasil era traiçoeira! Todos os que tentavam desvendá-la, morriam. Não escapara um só...

Certa noite, no acampamento, rompe tumultuosa pendência entre os bugres. Para contá-la "Gabriel Soares saiu da sua barraca com uma catana na mão, e, pelos apartar, maltratou a muitos de húa e de outra banda". Os selvagens, irados contra o capitão que assim os agride tão carniceiramente a golpes de ferro, resolvem abandoná-lo no longínquo pouso. Na mesma noite, muito furtivamente, "fugiram todos e o desampararam; deixando-o só naquele deserto..." Os padecimentos tocaram então ao auge. Doente, quebrantado de forças, desbaratado, sozinho naquele despovoado, Gabriel Soares não logrou vencer tão dilatadas provações. E morreu na jornada. Morreu, o sacrílego, por querer atingir a serra da prata. Aquela enigmática, tão fascinadora serra branca e resplandecente... E quem, já agora, haveria de atingi-la? Quem haveria de descobrir a prata que o mato escondia? Quem?

(Os ossos de Gabriel Soares, mandou-os buscar Bernardo Ribeiro, sobrinho do sertanista. Recolheram-nos a um jazigo de uma das igrejas da Bahia.)

## O HERÓI DA PRATA

Parecia, realmente, depois de tanta desgraça, que ninguém mais teria o aloucado arrojo de se afoitar de novo por esses socavões em busca da serra arisca.

O próprio D. Francisco de Sousa, governador-geral, ao saber do fracasso, deixou desencorajado a Bahia e botou-se a caminho de S. Paulo no encalço de minas menos fantasiosas. Principalmente no encalço duma tal serra do Sabarabuçu, muito rica de prata, de que então se principiou a falar com grandes ruídos. Eis porque, no seu desalento, exclamava lastimosamente o velho Frei Vicente do Salvador: "Ficaram assim as minas obscuras até que Deus, verdadeiro Sol, queira um dia manifestá-las!"

Mas não tinha razão o frade para tamanho desânimo. Pois é neste momento que surge o protagonista o mais rumoroso, o mais estupefaciente que há de entrar nesta enublada história da prata. É um baiano. Sertanejo de vida estranha, muito encoscorado e bravo, vai ele agora aturdir e embasbacar os contemporâneos com o aventuroso do seu estridente romance. Figura curiosíssima de lenda, confusa e novelesca, o novo personagem tornar-se-à daqui por diante, durante um século inteiro, sob o esbugalhado assombro da Bahia, o grande, o autêntico, o enlouquecente herói das minas de prata. E como se chama tão extraordinário homem? Um que tem, na História do Brasil, o nome apagado: Melchior Dias Moreia. Mas um que tem, na voz do povo, o nome célebre: Robério Dias. — o mameluco que possui a mais lavrada copa de prata que já se vira na Bahia. É quem possui as mais ricas bandejas de prata. Os mais opulentos vasos de prata. Os mais pesados candelabros de prata. O povo, diante de tamanha riqueza, põe-se a murmurar a uma só voz:

— Melchior Dias descobriu as minas de prata! Melchior Dias descobriu as minas de prata!

O povo murmurava com justificados motivos. Melchior Dias, consoante o que, uníssonas, proclamam todas as crônicas do tempo, Melchior Dias Moreia, o primo de Gabriel Soares, O neto de Caramuru, havia descoberto, e guardado para si, as sonhadas minas de prata do sertão.

## MELCHIOR DIAS CARAMURU

— Melchior Dias descobriu as minas de prata!

Não existia vivente, pelos rincões mais apartados da Bahia, que não o apregoasse com firmeza. E com razão. Tudo bradava, na verdade, que o sertanejo havia realmente descoberto as minas. Mas como as havia descoberto? E onde? E quando? Antes de respondê-lo, vai aqui uma palavra sobre esse singular, ao depois tão ruidosamente famigerado, Melchior Dias Moreia.

"... vivia no certão do ryo Real Melchior Dias Moreia, dos primeyros naturaes da Bahia, primo de Gabriel Soares, homem abastado de terras e de bens". Era este Melchior Dias, filho de Vicente Dias, português e fidalgo, criado do infante D. Luiz, o qual, ao vir tentar fortuna no Brasil, se casara com a mameluca Genebra Álvares,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

